

RAE-IC, Revista de la Asociación Española de  
Investigación de la Comunicación

vol. 9, núm. 18 (2022), 207-223

ISSN 2341-2690

DOI: <https://doi.org/10.24137/raeic.9.18.9>



Recibido el 1 de febrero de 2022

Aceptado el 8 de septiembre de 2022

## Meios mornos: reflexões sobre a classificação dos meios de comunicação na era do digital

*Warm media: reflections on the classification of media in the digital age*

---

Dugnani, Patricio

Universidade Presbiteriana Mackenzie (MACKENZIE)

[patricio.dugnani@gmail.com](mailto:patricio.dugnani@gmail.com)

### Forma de citar este artículo:

Dugnani, P. (2022). Meios mornos: reflexões sobre a classificação dos meios de comunicação na era do digital. *RAE-IC, Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación*, 9(18), 207-223. <https://doi.org/10.24137/raeic.9.18.9>

### Resumo:

Nesse artigo pretende-se refletir sobre a teoria dos meios de Marshall McLuhan, e analisar sua classificação dos meios de comunicação como sendo frios e quentes. Parte-se do pressuposto de que desde o desenvolvimento dos meios digitais também floresceu uma maneira diferente de se relacionar através dos meios, o que acabou promovendo novos comportamentos sociais e novas percepções quanto à informação no usuário dos meios digitais. Por isso, pretende-se refletir sobre a possibilidade de os meios digitais não se encaixarem nessa classificação, sendo necessária uma revisão desse conceito, e sugerindo um termo intermediário: meios mornos.

**Palavras-Chave:** comunicação, meios quentes, meios frios, meios mornos.

**Abstract:**

In this article we intend to reflect on Marshall McLuhan's theory of media and analyze his classification of the media as being cold and hot. It is assumed that since the development of digital media, a different way of relating through the media has also flourished, which ended up promoting new social behaviors and new perceptions of information in the user of digital media. Therefore, it is intended to reflect on the possibility that digital media do not fit this classification, requiring a review of this concept, and suggesting an intermediate term: warm media.

**Keywords:** communication, hot media, cold means, warm means.

## 1. INTRODUÇÃO

Em uma banca de uma pesquisa de *strictu sensu*, uma classificação do Tinder, plataforma especializada em promover encontros e conhecer pessoas pela internet, como sendo um meio quente pareceu estranha. Embora se apresentasse de maneira estranha, essa indicação não parecia totalmente errada, nem totalmente certa. O próprio Marshall McLuhan (2016), criador desse sistema, não fez a classificação do uso dos novos meios digitais, sendo assim, talvez fosse possível que essas novas extensões pudessem ser classificadas como meios quentes. No entanto, para tirar a dúvida, foi necessário retornar aos textos originais para verificar essa questão. Observando o segundo capítulo do clássico livro de McLuhan, *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem* (2016) e retomando os conceitos, buscou-se uma explicação. Naquele momento era necessário rever esses conteúdos, pois, de certa forma, essa classificação de meios quentes e frios começou a parecer obsoleta e artificial, principalmente perante as transformações na sociedade, promovidas pelo uso dos meios de comunicação digitais.

Como veredicto, numa observação inicial e superficial, tomando as características descritas por McLuhan (2016) sobre os meios quentes e frios, concluiu-se que, pela

questão da interatividade e da participação, ou seja, maior envolvimento dos usuários na produção de sua programação, os meios digitais deveriam ser classificados como meios frios.

No entanto, após a avaliação, essa classificação, que já não se demonstrava tão objetiva, acabou se tornando incapaz de solucionar a questão. Por isso, foi desenvolvido essa reflexão, buscando entender melhor a classificação de McLuhan (2016) e propor uma revisão.

Nesse sentido, então, pretende-se nesse artigo refletir, de maneira exploratória e teórica, sobre a teoria dos meios de McLuhan (2016), fazendo uma revisão de seus principais conceitos e reavaliar a classificação dos meios de comunicação como sendo frios e quentes. Parte-se do pressuposto de que, desde o surgimento, e desenvolvimento tecnológico dos meios digitais, além de suas plataformas sociais, também floresceu uma maneira diferente de se relacionar através e com os meios. Essa nova dinâmica acabou promovendo, também, novos comportamentos sociais e novas percepções quanto ao modo como as informações se relacionam com os usuários: emissores e receptores. Perante essa nova dinâmica social, em relação ao uso dos meios de comunicação, acredita-se que se torna necessário, na Era Digital, uma revisão dessa classificação criada por McLuhan (2016). Por isso, esse artigo pretende refletir sobre a possibilidade de os meios digitais não se encaixarem adequadamente na classificação de McLuhan (2016), sendo necessária a realização de uma revisão desses conceitos, sugerindo-se um termo intermediário, ou mesmo indicando a obsolescência dos termos clássicos. Esse termo intermediário deverá surgir nessa argumentação, mais como uma provocação, e menos como uma busca por uma nova categorização para os meios de comunicação.

Com isso pretende-se pensar os meios de comunicação na Era Digital, bem como suas redes e plataformas, como meios mornos. Essa reflexão está apoiada no fenômeno da convergência, comum às diversas estruturas culturais da sociedade, inclusive em relação ao uso dos meios (Jenkins, 2015; Santaella, 2005). Essa convergência no processo de comunicação leva à percepção de que os meios digitais, às vezes parecem se comportar

como meios frios, às vezes como meios quentes, o que justifica uma reavaliação dessa classificação desenvolvida por McLuhan (2016).

Tomando essa reflexão, segue a sugestão de um termo intermediário, que indique a constante metamorfose que os meios digitais sofrem, conforme seu uso, tomando a ideia de que, devido a convergência dos meios, eles podem ser caracterizados, simultaneamente, como frios ou quentes, por isso se cunhou um termo que possa refletir esse fenômeno: meios mornos.

## **2. MEIOS DE COMUNICAÇÃO: EXTENSÃO E MENSAGEM**

Antes de discutir a classificação de McLuhan (2016) de meios frios e quentes, torna-se necessário entender três conceitos básicos do autor. Para explicar essas principais ideias do pesquisador dos meios, acredita-se que seja necessário partir de três conceitos básicos: o conceito de meios de comunicação como extensões do ser humano; a relação diferenciada proposta pelo pesquisador da relação entre meio e mensagem; e a projeção de uma sociedade global, denominada pelo pesquisador dos meios de Aldeia Global.

*Segundo McLuhan (1996) os meios de comunicação são tribalizantes. Porém, antes de entender essas questões, é preciso destacar três ideias consideradas fundamentais na teoria de McLuhan (1996) para compreender a influência dos meios de comunicação na organização política do ser humano. São elas:*

- 1) Meios como extensões do humano;*
- 2) Meio é a mensagem;*
- 3) Aldeia Global; [...]. (Dugnani, 2018, p. 5).*

Primeiramente, rompendo com a visão clássica da função dos meios de comunicação como transmissores, McLuhan (2016) propõe a ideia de extensão. Ou seja, os meios de comunicação eram vistos, inicialmente, como transmissores. Transmissores da mensagem, conseqüentemente, das informações. Dessa forma reconhecia-se, principalmente, os meios de comunicação como o suporte material das mensagens, ou

seja, o instrumento mediador, técnico e tecnológico, que possibilitava que a comunicação fosse efetuada com eficiência. De maneira analógica, o meio tinha função de mediador. Funcionava como uma ponte entre emissor e receptor, ou seja, entre o eu e o outro.

Nessa visão, é claro que o meio é essencial para que o sistema de comunicação funcionasse adequadamente, porém conceituava o meio apenas como suporte material, aquele responsável em materializar um conceito abstrato, uma ideia. A importância dessa materialização está fundamentada na potencialidade que o meio concede ao ser humano de vencer o ambiente, vencer o espaço, alcançar o outro com suas ideias. Sem um meio, o conceito acabaria confinado à mente do emissor, e jamais alcançaria um receptor. Nesse sentido, o valor do meio parece se dar apenas pelo alcance espacial, e a quantidade de pessoas que ele é capaz de atingir, de influenciar.

Inclusive, na história tecnológica dos meios, a questão do aumento do alcance espacial, e da quantidade de receptores atingidos acaba sendo um dos principais objetivos a serem observados por aqueles que pesquisam tecnicamente o funcionamento dos meios de comunicação. Sendo assim, antes de McLuhan (2016), os meios de comunicação tinham sua avaliação feita de maneira tecnicista demais, onde sua inovação, o seu valor, estava atrelado à evolução técnica do alcance das mensagens, do alcance das informações.

Com a nova visão proposta pelo pesquisador, os meios de comunicação deixam de ser avaliados somente pelo alcance e pela eficiência da transmissão, passando a serem compreendidos como extensões. Mas extensões de quê? Extensões do homem, extensões do humano, como preconiza o título do livro citado.

McLuhan (2016) não condena a função dos meios como transmissores de mensagens (de informação), mas acrescenta a função de extensores. Os meios são extensões do humano, e não somente transmissores de ideias, pois, além de transportar as mensagens, os meios estendem a percepção e os sentidos humanos. Essa é uma das ideias essenciais do autor. Os meios estendem a percepção humana.

*Que os nossos sentidos humanos, de que os meios são extensões, também se constituem em tributos fixos sobre as nossas energias pessoais e que também configuram a consciência e experiência de cada um de nós [...] (McLuhan, 2016, p. 37).*

Os meios são extensões do humano, pois ampliam, para além do alcance da informação, os próprios sentidos. Através dos meios é possível ver mais longe, ou ver melhor, pois desde as lentes, até à TV, passando pelos microscópios, binóculos, lunetas, *smartphone*, todos são extensões da visão. Se todos esses meios são extensões da visão humana, da mesma maneira o rádio, o telefone, o celular são extensões da audição. A escrita é extensão da fala, ou o registro extensão da memória. Ou seja, todos os meios, na visão de McLuhan (2016), são extensões da percepção, dos sentidos humanos.

Os meios são extensões da percepção humana. Tomando essa afirmação, também é possível pensar que ao ampliar a percepção humana, os meios contribuem, também, para um aumento quantitativo e significativo no acesso às informações, pois está, conseqüentemente, exposto a mais fenômenos.

*Com essa ampliação dos sentidos, conseqüentemente, ocorre uma ampliação da percepção humana do mundo, uma ampliação da consciência do humano em relação à sociedade, às diferentes culturas, enfim, uma compreensão maior do mundo. Com essa extensão da percepção, pode-se pensar nos meios de comunicação como, mais do que transmissores de mensagens, mas sim difusores de informação, por isso amplificadores da percepção humana (Dugnani, 2019, p. 485).*

Tomando-se, assim, a informação como um conteúdo que altera comportamento e consciência dos seres humanos, de acordo com José Teixeira Coelho Netto (2016), considera-se que um dos efeitos da extensão dos meios, é o aumento na quantidade e velocidade de acesso à informação e a aceleração das transformações sociais.

Quanto maior a quantidade e a velocidade de acesso às informações, mais rápidas serão as transformações sociais sentidas num mesmo período de vida pelos mesmos seres

humanos: esse é um efeito de destaque da evolução tecnológica dos meios em relação à sociedade.

Dessa forma, como exemplo, a extensão produzida pelos meios de comunicação, acaba por produzir um aumento de velocidade na dinâmica social, desenvolvendo uma sensação de aceleração nas transformações sociais, o que se torna mais perceptível ao próprio ser humano, como se pode observar a partir das análises da relação espaço/tempo, e aceleração, nas sociedades modernas, feitas por David Harvey (1996) e Hartmut Rosa (2019).

*Primeiramente, conceituo o processo de aceleração aqui exposto como sintoma e consequência da circunstância de serem as sociedades modernas capazes de se estabilizar apenas dinamicamente, de serem sistemática e estruturalmente dispostas a crescer, transformar-se e acelerar-se sempre mais para poder conservar sua estrutura e estabilidade. Em segundo lugar, comecei a elaborar sistematicamente o conceito de ressonância, até aqui apenas insinuado, como contraconceito à alienação [Entfremdung], e, com ele, a propor uma nova medida para a vida bem-sucedida (Rosa, 2016, p. 9).*

A partir dessas reflexões, o primeiro conceito fundamental de McLuhan (2016) afirma que os meios de comunicação são extensões da percepção e dos sentidos humanos, e que esse fato acaba por fazer com que os meios, a cada evolução tecnológica, ou pelo simples uso, ou, ainda, pela informação que é capaz de transmitir, acabem por produzir transformações na sociedade. Essa constatação leva essa argumentação ao segundo conceito essencial de McLuhan (2016), o qual parte de uma de suas afirmações mais polêmicas: o meio é a mensagem.

Entendendo-se os meios como extensões da percepção humana, McLuhan (2016) chega à conclusão de que o meio é mensagem. Essa afirmação é polêmica, pois, no sentido clássico, como dito anteriormente, os meios de comunicação eram vistos como meros transmissores, suportes materiais das mensagens, e as mensagens formadas a partir de informações, eram classificadas como conteúdos, ideias, representações constituídas e organizadas a partir de códigos, de convenções. Desse ponto de vista, meio é

transmissor e mensagem é conteúdo transmitido, logo o meio seria diferente de mensagem: meio não é mensagem.

No entanto, para McLuhan (2016) meio é mensagem pois ambos são informações, ou melhor, o primeiro é informação pura, enquanto a segunda é informação. Como os dois podem ser considerados informação, logo, o meio é mensagem.

*Por isso, McLuhan cunhou sua tão polêmica frase: “o meio é a mensagem” (1996). A mensagem do meio, não é um conteúdo formulado por linguagem, mas sim, como afirma McLuhan, “informação pura” (1996), pura pois a mensagem do meio, é a própria mudança de comportamento que, com seu uso, ele promove. A informação do meio é a própria mudança de comportamento promovido pela sua utilização, por isso o meio é informação pura, o meio é mensagem (Dugnani, 2019, p. 7).*

O meio é mensagem, pois ambos funcionam como informação, tornando-se conteúdos que produzem transformações na sociedade. A mensagem é informação, pois como conteúdo produzido, e organizado por um código, produz transformações na consciência e no comportamento humano, assim como o uso dos meios. No entanto, o meio é informação pura, de acordo com o pesquisador, pois seu conteúdo é o próprio meio. Ou seja, como extensão da percepção humana, o meio produz, à revelia da informação que transmite, mudanças no comportamento e na consciência humana.

*[...] o meio é a mensagem. Isto apenas significa que as consequências sociais e pessoais de qualquer meio — ou seja, de qualquer uma das extensões de nós mesmos — constituem o resultado do novo estalão introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos (McLuhan, 2016, p. 21).*

Com o entendimento de que os meios de comunicação são informações puras, ou seja, mensagem, e estendem a percepção humana, fica mais compreensível o conceito de aldeia global.

Para McLuhan (2016) o conceito de aldeia global estaria ligado ao desenvolvimento dos meios de comunicação, pois se levar em conta que os meios são extensões do ser humano, a cada salto tecnológico no desenvolvimento dos meios, maior será o alcance



da percepção humana. Por causa desse processo, as diferentes culturas do planeta estariam mais próximas, ou seja, segundo o pesquisador, as diferenças entre os indivíduos de comunidades distintas caminhariam para se aproximar, de tal maneira, que acabaria por se constituir uma comunidade global. Essa comunidade global, graças às trocas de informações, estaria cada vez mais próxima, pois seus interesses e ideias se entrelaçariam, criando, assim, uma aldeia global. Para McLuhan (2016) um dos principais responsáveis pela deflagração desse processo seriam os meios elétricos. Com a velocidade da eletricidade na comunicação, uma consciência tribal, de coletividade e de proximidade, se projetaria globalmente, através de um processo de retribalização.

*Durante as idades mecânicas projetamos nossos corpos no espaço. Hoje, depois de mais de um século de tecnologia elétrica, projetamos nosso próprio sistema nervoso central num abraço global, abolindo tempo e espaço (pelo menos naquilo que concerne ao nosso planeta). Estamos nos aproximando rapidamente da fase final das extensões do homem: a simulação tecnológica da consciência, pela qual o processo criativo do conhecimento se estenderá coletiva e corporativamente a toda a sociedade humana, tal como já se fez com nossos sentidos e nossos nervos através dos diversos meios e veículos (McLuhan, 2016, p. 16).*

A retribalização pode ser entendida como o retorno das relações tribais, mas em uma escala global, que geraria a aldeia global, cuja existência e sobrevivência, estaria alicerçada pelos meios de comunicação, principalmente os elétricos. McLuhan (2016) sugere essa retribalização pelos meios elétricos, pois, anteriormente, teria ocorrido uma tribalização, a qual teria se dado pela fala. Posteriormente a essa tribalização, a escrita e os meios impressos teriam desenvolvido uma destribalização. Nessa sequência é que a aldeia global teria sido projetada, a partir do uso dos meios elétricos, por um processo de retribalização.

A tribalização, a destribalização e a retribalização seriam processos que estariam relacionados à evolução tecnológica e as transformações produzidas pelos meios como extensões dos sentidos (Dugnani, 2022). Logo, são meios tribalizantes a fala e os meios elétricos, pois possibilitam o contato direto, a aproximação e troca de informações de maneira mais pessoal, ou mais ligadas ao interesse comum de diferentes comunidades.

Enquanto a escrita e o meio impresso são meios destribilizantes, pois criam uma relação mais burocrática na comunidade, onde o registro podia trazer poder àqueles que o controlava, sendo, dessa forma, o segredo, uma boa estratégia. O segredo, seu arquivamento e ocultação, são ações que se tornam mais limitadas no uso da fala do que na escrita. Sendo assim, para McLuhan (2016), o projeto de aldeia global, será efetivado pelo uso de meios de comunicação mais interativos, e que potencializem o contato mais independente entre os indivíduos de diferentes comunidades.

*Uma hierarquia feudal e tribal de tipo tradicional entra rapidamente em decadência quando se defronta com qualquer meio quente do tipo mecânico, uniforme e repetitivo. Enquanto meios, o dinheiro, a roda, a escrita ou qualquer outra forma especializada de aceleração, de intercâmbio e de informações. operam no sentido da fragmentação da estrutura tribal. Igualmente, uma aceleração extremamente acentuada, como a que ocorre com a eletricidade, contribui para restaurar os padrões tribais de envolvimento intenso, tal como a que ocorreu com a introdução do rádio na Europa, e como tende a acontecer na América, como resultado da televisão. As tecnologias especializadas destribilizam. A tecnologia elétrica não especializada retribaliza (McLuhan, 2016, p. 40).*

De certa forma a aldeia global pode ser imaginada como um processo mais avançado e idealizado de globalização. Uma projeção utópica de uma globalização justa. Essa “globalização justa”, a qual ainda não foi observada, pelo menos para Milton Santos, em seu livro *Por uma outra globalização* (2001).

Munidos com esses três conceitos, agora, torna-se importante entender a classificação desenvolvida por McLuhan (2016), a qual analisaria todos os meios de comunicação como sendo frios ou quentes.

### **3. MEIOS QUENTES, FRIOS OU MORNOS**

Retomando a questão da extensão da percepção, dos sentidos, McLuhan (2016) desenvolve duas categorias iniciais, os meios com baixa definição e os meios com alta definição. Entende-se como característica dos meios com alta definição aqueles que têm

grande saturação de dados, prolongando essa saturação sobre apenas um sentido. Esses meios preveem pouca participação do receptor, pois, ao saturar os dados sobre um único sentido, deixam pouco espaço para a interação e a complementação desses dados pelo receptor. Essa categoria, dentro da classificação do pesquisador, se refere aos meios quentes. Como exemplo de meios quentes se encaixariam os livros, o rádio, e o cinema.

Por outro lado, os meios frios, seriam aqueles com baixa definição, os quais não saturariam um único sentido, deixando lacunas em seu conteúdo para serem preenchidas, estimulando, assim, uma maior participação dos receptores. Pode-se classificar como meios frios o telefone e a televisão.

*Há um princípio básico pelo qual se pode distinguir um meio quente, como o rádio, de um meio frio, como o telefone, ou um meio quente, como o cinema, de um meio frio, como a televisão. Um meio quente é aquele que prolonga um único de nossos sentidos e em “alta definição”. Alta definição se refere a um estado de alta saturação de dados. Visualmente, uma fotografia se distingue pela “alta definição”. Já uma caricatura ou um desenho animado são de “baixa definição”, pois fornecem pouca informação visual, O telefone é um meio frio, ou de baixa definição, porque ao ouvido é fornecida unia magra quantidade de informação. A fala é um meio frio de baixa definição, porque muito pouco é fornecido e muita coisa deve ser preenchida pelo ouvinte. De outro lado, os meios quentes não deixam muita coisa a ser preenchida ou completada pela audiência. Segue-se naturalmente que um meio quente, como o rádio, e um meio frio, como o telefone, têm efeitos bem diferentes sobre seus usuários (McLuhan, 2016, p. 38).*

Observando-se essa classificação, parece complicado definir se os novos meios digitais são frios ou quentes. Com isso, e concordando com Jay David Bolter e Ricahrd Grusin (2000), mediante às mudanças ocorridas na tecnologia e uso dos meios de comunicação, é preciso (e mais, necessário) realizar uma reavaliação da sua função na sociedade contemporânea. Repensar esses meios torna-se fundamental, como afirmam os autores, principalmente a partir de conceitos como remediação, hipermediação e imediatismo, além do conceito destacado por essa argumentação, o da convergência.

Tomando-se, após esse parêntesis, principalmente a questão da convergência tecnológica, que não deixa de ser uma faceta da Hipermediação (Bolter e Grusin, 2000) na contemporaneidade, então torna-se indispensável, com o advento e uso, desses novos meios digitais, buscar responder pelo menos uma questão: como seria uma classificação mais adequada?

Sendo assim, numa primeira observação mais apressada, como feita anteriormente, parece que os novos meios digitais se encaixariam melhor, porém de maneira forçada, como sendo meios frios. Justifica-se essa proposição pela própria característica do uso dos meios digitais, que prevê constantemente o compartilhamento de informação, o preenchimento dos dados, e a participação constante dos seus usuários, para a manutenção do dinâmico funcionamento da comunicação em rede. Além disso, os novos meios digitais, com suas redes sociais e a internet, parecem ser de baixa definição, pois, aparentemente não saturam apenas um único sentido.

No entanto, essa classificação dos novos meios digitais, como sendo frios, não parece poder ser legitimada sem levar em consideração o fenômeno da convergência dos meios, descrito, por exemplo, por Jenkins (2015) e Lúcia Santaella (2005).

Entendendo o fenômeno da convergência, por um recorte mais técnico, pode-se afirmar que, devido à evolução tecnológica, os novos meios da Era Digital conseguem agrupar diferentes funções, de meios distintos em um só, possibilitando que apenas um aparelho abarque o funcionamento de diversos. Dessa forma, torna-se cada vez mais raro usar os meios digitais, como se fossem apenas um meio de comunicação: somente TV, somente rádio, somente livro, ou somente correio. Ao utilizar um desses meios digitais, geralmente os indivíduos acabam fazendo de maneira integrada, ou seja, como se estivessem, ao mesmo tempo, se comunicando através de diversos suportes diferentes. O que, na verdade, está sendo feito de maneira cada vez mais frequente. O indivíduo fala, grava sua fala, registra uma foto, envia, encaminha, compartilha, tudo ao mesmo tempo.

Levando-se em consideração, como exemplo, o uso dos meios digitais, eles já não podem ser vistos como apenas um meio de comunicação, mas como diversos. Esse fenômeno ocorre, pois, em relação ao fenômeno da convergência, pode-se identificar

que esses aparelhos digitais conseguem cumprir, de maneira complexa, diversas funções diferentes, de meios distintos, concomitantemente. Eles são ao mesmo tempo telefone, livro, televisão, rádio, computador, gravador, máquina fotográfica, calculadora, espelho, lente de aumento, filmadora, cinema etc. Os meios digitais já são um suporte que acaba por agregar outros meios, além de serem utilizados e projetados para essa função. Esse processo inclusive é possível ser percebido, pelo fenômeno crescente de multitarefas.

Concordando com a teoria de McLuhan (2016), os meios digitais como extensões do humano, acabam produzindo mudanças de comportamento e consciência nos indivíduos de uma sociedade. Como exemplo concreto observa-se o crescimento do hábito de assumir diversas tarefas ao mesmo tempo (as multitarefas), como uma consequência do uso dos meios digitais. Com os meios digitais, o trabalho se estendeu até sua casa, exigindo cada vez maior produtividade, fazendo com que os indivíduos de uma sociedade contemporânea tenham de executar todas as tarefas exigidas. Todas essas tarefas somente se tornam possíveis de serem cumpridas, quando também esses indivíduos, estendem sua percepção, seus sentidos, através de outros meios de comunicação. Sendo assim, cada indivíduo está constantemente, e com mais frequência, conectado a diversos meios, mas não em aparelhos diferentes. Na verdade, esses indivíduos estão conectados a um meio digital, e graças à convergência técnica, é como se estivessem, ou melhor, estão conectados, a diversos outros. Nessa múltipla conexão acaba-se executando uma tarefa diferente em cada meio, tudo ao mesmo tempo. Ou seja, graças aos meios, o humano está executando, cada vez com mais frequência, a mais atividades concomitantemente.

Tomando-se essa informação (do advento das multitarefas, influenciada pelo uso dos novos meios), fazendo um aparte crítico, pode-se perceber que, nem sempre as transformações impressas pelos meios na sociedade são positivas. Na visão de Byung Chul-Han, em seu livro *Sociedade do Cansaço* (2015), as multitarefas não representariam um progresso, mas sim um retrocesso ao desenvolvimento da percepção humana, pois por dividir demais essa atenção em diferentes tarefas, o ser humano desenvolveria uma “hiperatenção”, produzindo cada vez mais reflexões superficiais. Fenômeno que poderia

explicar o ressurgimento de ideologias simplistas, de tom positivista, ou evolucionista social, nas diferentes nações que compõem o globo terrestre.

Refletindo sobre essas constatações, as multitarefas como comportamento parecem acompanhar a convergência dos meios, pois elas são comumente realizadas através dos diversos meios que convergiram para um só, carregando suas características específicas, mas funcionando como um sistema que cada vez mais exige a conexão constante dos usuários aos novos meios digitais. Atualmente esses usuários dos meios digitais, enquanto escutam o rádio, assistem um filme, falam pelo telefone e mandam mensagens pelas redes sociais. Ou seja, não apenas um sentido está saturado em alta-definição, mas todos estão consecutivamente. Nesse contexto, os meios digitais, poderiam deixar de ser classificados como meios frios, e serem classificados como meios quentes, pois estão deixando cada vez menos espaço para reflexão e participação dos indivíduos, pois estão saturando todos os sentidos ao mesmo tempo.

Sendo assim, por exemplo, a autoria estaria em risco, pois esses usuários estariam cada vez mais funcionando como compartilhadores de informações, mais do que criadores. Cada vez mais funcionando como mídia, como meio de comunicação, como transmissores, do que como autores. Dessa forma, futuramente, a extensão da percepção pelos meios de comunicação pode levar a humanidade a se tornar informação pura, ou apenas mídia, e não criadores de mensagens.

Mediante a observação de que os novos meios digitais parecem se comportar, tanto como meios frios, como meios quentes, além dos diversos efeitos que essas qualidades diferentes podem influenciar no comportamento dos seres humanos, é que se está propondo uma nova reflexão sobre a classificação dos meios: meios mornos. No entanto, caso não se repense essa classificação, então é melhor descartar aquela criada por McLuhan (2016), pois ela já se tornou obsoleta.

Sendo assim, partindo dessas reflexões, pode-se conceituar os meios mornos, como aqueles que, devido a introdução da tecnologia digital, sofreram um processo de convergência e passam a ser caracterizados por sua multiplicidade de funções, as quais acabam por abarcar a tecnologia de mais de um meio de comunicação. Um exemplo

clássico é o celular, o qual foi criado originalmente para ser um telefone portátil, mas que, com o desenvolvimento tecnológico e a convergência dos meios, ganha novas e múltiplas funções, onde passa a funcionar tanto como computador, quanto como TV, rádio, espelho, lanterna, correio, telégrafo, etc.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista as questões apresentadas, relacionadas à classificação dos meios de comunicação desenvolvida por McLuhan (2016), torna-se importante ressaltar, antes de continuar observando o processo de convergência, que Jenkins (2015) ao analisar essa convergência dos meios de comunicação, não os observa, apenas, como um fenômeno tecnológico, mas como um fenômeno provocador de mudanças de comportamento. Ou seja, esses novos meios seriam um dos responsáveis pelo surgimento de uma nova cultura baseada na participação, e na interação social, mediadas pelos meios digitais.

*Meu argumento aqui será contra a ideia de que a convergência deve ser compreendida principalmente como um processo tecnológico que une múltiplas funções dentro dos mesmos aparelhos. Em vez disso, a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos (Jenkins, 2015, p. 30).*

No entanto, para esse artigo, o simples fato da constatação do processo tecnológico de convergência dos meios, ou seja, uma parcela do fenômeno analisado por Jenkins (2015), já é suficiente para justificar essa reflexão crítica sobre a classificação desenvolvida por McLuhan (2016), no que se refere aos tipos de meios. Em relação a essa argumentação, se os meios estão convergindo em um só, como ainda é possível sustentar a classificação de meios quentes e meios frios?

Para exemplificar essa situação, é possível destacar os *smartphones*, como dito anteriormente, que são, ao mesmo tempo, meios frios e quentes. Ou seja, os meios são, concomitantemente, rádios, televisores, livros, gravadores, microfones, lentes, cinemas etc. Os *smartphones*, os *laptops*, os meios digitais, em geral, podem ser classificados como sendo, simultaneamente, frios e quentes, pois concentram em si o

funcionamento de diversos meios. Dessa forma, a simples constatação da convergência tecnológica já é um motivo suficiente para tornar obsoleta a classificação proposta por McLuhan (2016). Afinal, os novos meios digitais, e a convergência tecnológica fazem com que esses meios sejam ao mesmo tempo de alta e baixa definição, de maior e menor envolvimento do destinatário, ou seja, concomitantemente frios e quentes.

Acredita-se, assim, que, a partir dessa análise da classificação de McLuhan (2016) sobre os meios quentes e frios, foi possível perceber o problema dessa classificação, perante, e principalmente, aos novos meios digitais (a internet e as redes sociais), tendo como referência central, para verificação do fenômeno, a convergência dos meios (Jenkins, 2015; Santaella, 2005).

Para concluir esse debate, espera-se, inicialmente, que tenha ficado claro que não se pretende, nesse momento, desqualificar toda a obra de McLuhan (2016), pois acredita-se que é essencial manter as ideias centrais do autor (extensão, meio é mensagem e aldeia global), pois são fundamentais para compreensão dos meios como produtores de transformação na sociedade. Esse artigo apenas pretendeu sugerir uma reavaliação de sua classificação sobre os meios de comunicação.

Sendo assim, como solução para o problema da classificação dos meios de comunicação em meios frios e quentes, desenvolvida por McLuhan (2016), principalmente perante os meios digitais, pretende-se sugerir duas opções: ou abandona-se essa classificação e a relega ao esquecimento, ou propõe-se uma nova classificação dos meios. Particularmente esse artigo é mais favorável à primeira solução: abandonar a classificação de McLuhan (2016) de meios frios e quentes, por apresentar-se obsoleta.

No entanto, se por algum motivo histórico ou tradicional, for mais interessante manter essa classificação, quase a título anedótico ou irônico, propõem-se, nesse artigo, a criação de outra categoria para classificar os novos meios digitais, a internet, e as redes sociais: meios mornos.

A nova categoria, contemplando de maneira destacada o fenômeno da convergência descrito por Jenkins (2015), deve classificar os novos meios digitais como sendo,



concomitantemente de alta e baixa definição, de maior e menor envolvimento do destinatário, ou seja, meios frios e quentes ao mesmo tempo. Partindo-se desse pressuposto, o que não está exatamente frio ou quente, deve estar morno. Por isso, os novos meios digitais, que desenvolvem suas relações em meio a um processo de convergência tecnológica, deveriam ser denominados meios mornos.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bolter, J. D., & Grusin, R. (2000). *Remediation: understanding new media*. Cambridge: The MIT Press.

Coelho Netto, J. T. (2012). *Semiótica, informação e comunicação*. Perspectiva.

Dugnani, P. (2022). Meios de comunicação e Aldeia Global: Globalização, desglobalização e interculturalidade. *ECCOM*, 13(26). Disponível em: <http://fatea.br/seer3/index.php/ECCOM/article/view/1868>.

Dugnani, P. (2018). Globalização e desglobalização: outro dilema da Pós-Modernidade. *Revista Famecos*, 25(2). <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2018.2.27918>

Dugnani, P. (2019). Meios de comunicação: extensão e alienação. *Revista Observatório*, 5(4), 481-501. <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v5n4p481>

Han, B. (2015). *Sociedade do cansaço*. Vozes.

Harvey, D. (1996). *Condição pós-moderna*. Loyola.

Jenkins, H. (2015). *Cultura da convergência*. Aleph.

McLuhan, M. (2016). *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Cultrix.

Rosa, H. (2019). *Aceleração: A transformação das estruturas temporais na modernidade*. Unesp.

Santaella, L. (2005). *Por que a comunicação e as artes estão convergindo?* Paulus.

Santos, M. (2001). *Por uma outra globalização*. Record.